

Enquanto organiza a inauguração do novo espaço, biblioteca e museu, o INES continua cultivando seu precioso acervo.

Publicada em 1941, A Volta Review, fundada em 1899 por Alexander Graham Bell, em seu volume 43, Nº 2, realiza uma matéria sobre o INES por ocasião da visita da professora Nellie V. McDonald, de Toronto. Extremamente interessante, a matéria nos remete ao passado e, então, imaginamos a nossa cidade com “... suas velhas casas portuguesas, feiras livres, pátios e velhas igrejas...” e, nesse contexto, o “... impressionante Instituto Nacional de Surdos-Mudos...” convida-nos a soltar nossa imaginação e passear por entre as oficinas “só para os meninos” e as salas de aula “só para as meninas”, por cursos sendo reformulados e por testes audiométricos sendo realizados.

A seguir o texto traduzido em sua íntegra e os registros fotográficos, também publicados na referida matéria.

Equipe da Biblioteca e Acervo do INES
Tradução de Leila Couto Mattos

Uma Escola para Surdos no Rio de Janeiro

A gosto passado, fui privilegiada por passar uns poucos dias na bonita Rio de Janeiro, cidade de picos montanhosos e ar puro, inacreditáveis praias brancas com água azul-celeste; uma moderna cidade com quadras de apartamentos, imensos hotéis, extensas praças, largas avenidas e calçadas desenhadas; uma estranha cidade de ruas estreitas, velhas casas portuguesas, pátios, feiras e velhas igrejas – compondo a cidade, uma imensa estátua do Cristo Redentor colocada no pico mais alto da montanha do Corcovado. “Cidade Maravilhosa” como é chamada, orgulhosamente, pelos habitantes locais; e, ver-

dadeiramente, essa é a cidade mais bonita que eu já vi.

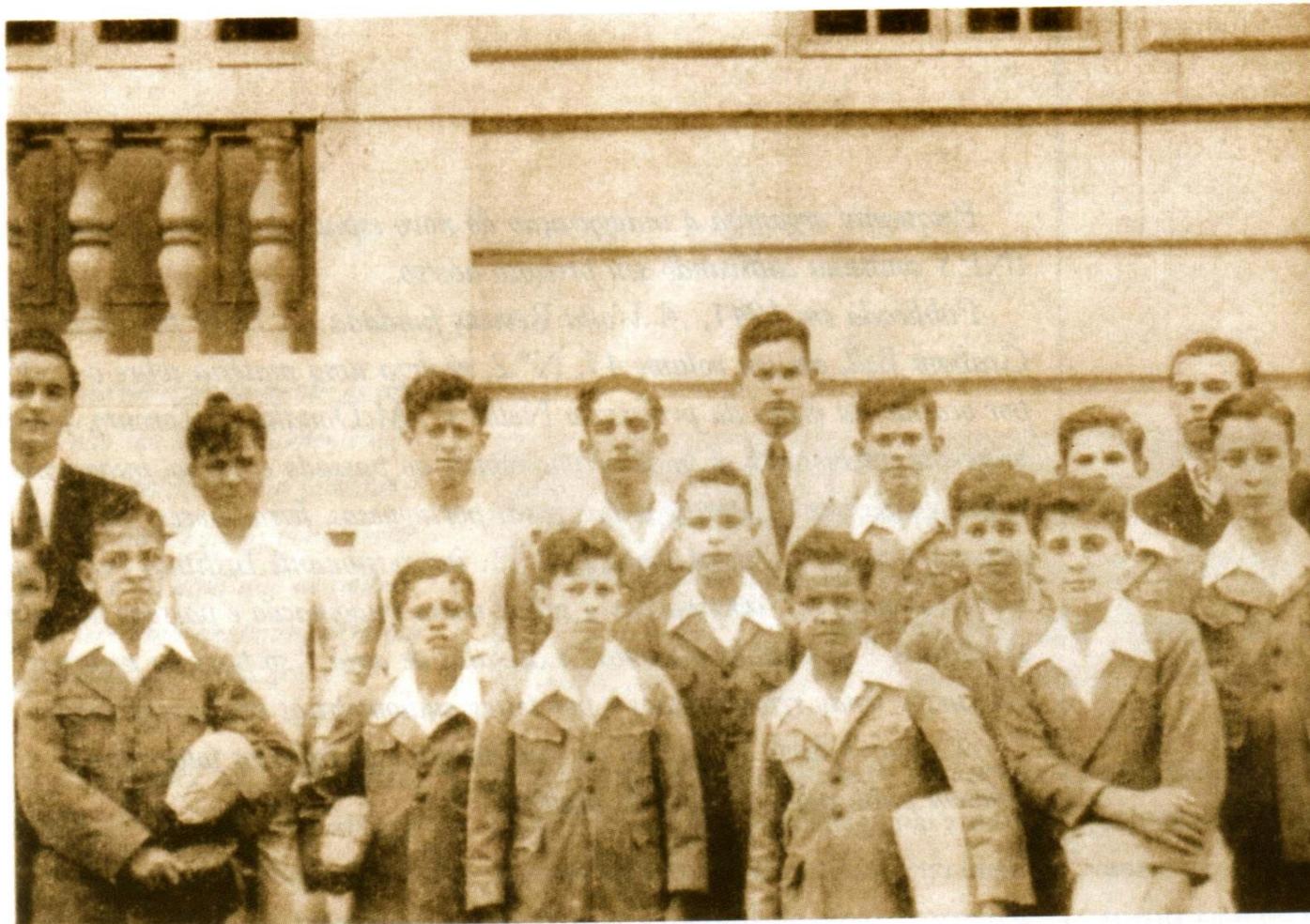
Uma manhã, confiando num endereço obtido em um posto de turismo, mas, praticamente, sem nenhum conhecimento de português, peguei um táxi para a escola de surdos, ou como eu supunha ser, mas cheguei a uma universidade. Me esforcei tentando, em francês, dizer “escola para surdo”. Entretanto, como não consegui me fazer entender o motorista do táxi, recorri aos sinais, e ele me entendeu imediatamente. Em poucos minutos, depois de algumas discussões com policiais, leiteiros e carteiros, chegamos ao impressionante Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos.

Tudo estava bem agora, exceto que

eu parecia ter chegado muito cedo e a única ajuda encontrada só falava português. Fui, então, conduzida a uma sala de espera, onde, em poucos minutos, juntei-me a uma mãe com uma menina surda, crescida, que nunca tinha, evidentemente, sido atendida em uma escola. Nós nos comunicamos através de sinais naturais e a menina me fez perguntas pessoais, simples, como as nossas crianças norte-americanas também fazem. A conversa poderia, provavelmente, ter continuado, mas olhei em volta e vi três pessoas entrarem na sala. Involuntariamente murmurei para mim mesma “americanos”.

Eles eram Miss Elizabeth Witherspoon, uma professora de leitura labial de Richmond, Virgínia; Mrs

VISITANDO O ACERVO DO INES



Um grupo de meninos na Escola de Surdos no Rio de Janeiro

Clay, que mora no interior do Brasil; e Mr. Tucker, que está há 52 anos com a Sociedade Bíblica Estrangeira no Brasil. Os dois últimos falavam português fluentemente.

Dr. Lacerda, o diretor, nos levou até o Dr. Silvado, era tido como professor treinador. A escola não estava, infelizmente, atualizada, os exames físicos eram muito extensos e estava sendo preparado um novo curso em educação física. Nos foi permitido ver alguns exames e encontramos alguns interessantes e mais completos. Eles eram, de fato, como exames militares tradicionais. Alterações também estavam sendo feitas para a construção de um novo e mais completo curso de estudos, que estava sendo instalado. Nos sentimos altamen-

te honrados por nos permitirem conhecer cada uma das salas.

A escola é um bonito pedaço de arquitetura, com um elevador, modernas oficinas e ginásio. Tinha também uma ótima localização e uma montanha em seu terreno. Tinha 109 meninos internos e 30 meninas, que eram externas e atendidas somente à tarde, enquanto os meninos estavam nas oficinas.

Dr. Lacerda e Dr. Silvado, que falavam excelente inglês, convidaram-me para voltar no dia seguinte para ver as salas de aula. Voltei com Mrs. Ronei, supervisor dos testes audiométricos do estado de Nova York; Miss. Unkart, uma professora em Manhattan e duas outras senhoras. O que mais nos impressionou na escola foi a afeição que os meninos

mostravam pelo Dr. Lacerda, Dr. Silvado e um membro da equipe vocacional – o sapateiro.

Fomos levados a uma classe onde todos os meninos estavam usando aparelho auditivo e tinham algum grau de perda, mas pouca habilidade em interpretar os sons da fala. Nós gostamos de participar da aula, inteligente e entusiasmada, tanto quanto os alunos. De fato, nós apreciamos repetir vogais e palavras em português. Dr. Silvado e todos os presentes foram unânimes em dizer que, com a ajuda de um professor, nós poderíamos, em pouco tempo, tornarmos-nos proficientes em português.

Visitamos algumas outras salas de arte, leitura silenciosa e linguagem. Fi-

VISITANDO O ACERVO DO INES



Aula de Audição Amplificada na Escola para Surdos no Rio de Janeiro. Dr. Silvado, como Professor Treinador Responsável, está no microfone.

camos felizes de ver que o “Popeye” é muito popular na escola.

Mais tarde, visitamos a clínica onde a escola realizava os testes audio-métricos. Mrs. Ronei foi capaz de dar alguma assistência técnica.

Em todo lugar encontramos o mesmo espírito de camaradagem entre professor e aluno. Isso era mais espontâneo e mais marcante do que em qualquer outra escola que eu já tinha visitado. Dr. Lacerda e Dr. Silvado, ambos,

falavam de suas dificuldades, muitas das quais eram as mesmas que as norte-americanas – como o ingresso tardio dos alunos na escola, entre 10 e 11 anos de idade.

Todos ficamos impressionados pela humilde, humana e distinta direção do professor Dr. Silvado. Nós sentimos que a escola estava fundada em bases que a permitiriam percorrer um longo caminho.

E agora a cortina caía relutante no

Rio de Janeiro. É noite e o Rio, à noite, é verdadeiramente uma terra mágica. Fomos ao topo do Pão de Açúcar. Luzes, luzes, luzes por toda parte. Elas cercam a água como fileiras de pérolas e brilham através das janelas dos modernos arranha-céus como estrelas cintilando. Avistamos de relance o Corcovado, com o Cristo Redentor iluminado, de braços estendidos, e essa foi a nossa última imagem da grande e bonita cidade.